

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Clarissa De Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



PRÓLOGO

Luciana Martins Dias e Silva

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, ai, menina, não vai ter jeito...

Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. É por isso que, com alívio e prazer, me deparo com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arrobooi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

APRESENTAÇÃO

Clarissa De Franco

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hooks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

CAPÍTULO 2..... 16

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima

Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

CAPÍTULO 3..... 36

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O FEMINISMO É PARA TODOS, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>

CAPÍTULO 4..... 47

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena

Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

CAPÍTULO 5..... 66

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS

Clarissa De Franco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>

CAPÍTULO 6..... 82

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>

CAPÍTULO 7.....	95
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067	
CAPÍTULO 8.....	115
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA ¹	
Clarissa De Franco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	145
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS.....	146

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima

Durval Luiz de Faria

“Que me seja permitido afirmar como conclusão, portanto, que o ideal de uma parceria ética entre mulheres e homens na busca de justiça social e emancipação política universal é um ideal que compartilho. Tal parceria não pode ser algo que decorre suavemente. Mulheres e homens estão obrigados a lutar e a luta pessoal não pode ser dissociada da luta política em progresso”. (SAMUELS, 1995, p. 230).

Para as/os psicólogas/os pertencentes ao campo junguiano, é notória a relevância dada aos estudos sobre gênero, feminino e masculino, feminilidades e masculinidades. Considerando ser um terreno tão cheio de complexidades e contradições, controvérsias e disputas, asseguramos aqui umas de suas maiores potencialidades: a possibilidade de revisão crítica para se repensar a contemporaneidade, possibilidade essa capaz de alargar nossos horizontes analíticos e práticos.

Dentro da teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung, existe um segmento teórico em específico que perpassa diretamente as relações de gênero e se revela como fonte de muito interesse, seja em seus usos, quantos

em suas muitas revisões e ampliações. Esse segmento é justamente a conceituação dos arquétipos da *anima* e *animus*.

Jung entendia que tanto o homem como a mulher carregam consigo aspectos masculinos e femininos, tanto geneticamente, como psiquicamente. O modo como estes elementos se apresentam na psique é que varia. Dito de outra forma, segundo o modo de ver de Whitmont, (1982) os princípios, seguindo a filosofia chinesa, Yang e Yin, fazem parte da natureza humana e se apresentam em homens e mulheres. Yang representa a energia ativa, fálica, solar, combativa, que se apresenta na sua forma extrovertida como agressividade, posicionamento, luta e na forma introvertida como reflexão, Logos; e Yin representa a energia passiva, de entrega, de contenção, de interioridade e acolhimento.

O homem de nossa cultura, segundo Jung, apresentaria em sua consciência as qualidades Yang, e no inconsciente as qualidades ditas femininas ou Yin, numa atitude de compensação. Assim, ao homem viril e audaz em seu ego e persona se contraporía uma atitude Yin, de passividade e contenção. A esse elemento do inconsciente, Jung denominou de anima. Na mulher, ao contrário, quando seu ego e persona se apresentam de forma contida e introvertida, se contraporía o arquétipo do animus, batalhador, agressivo e argumentador.

Anima e animus, no entanto, são aspectos inconscientes e por isso aparecem nos relacionamentos e na psique de forma complexada, pois são complexos autônomos. Assim, o homem torna-se emocional, cheio de humores e venenos em sua atitude, enquanto a mulher, tomada pelo animus, se torna agressiva, opinativa e dura.

Para Jung, o homem sempre carrega consigo a imagem interna de uma mulher, do mesmo modo que a mulher carrega internamente a imagem de um homem. Essas imagens configuram a parte contrassexual da psique, ou seja, todo homem possui como contraparte em sua psique o arquétipo da anima, assim como a mulher possui o arquétipo do animus. Por se tratar de arquétipos que se revelam por meio de imagens que estão vinculadas às incontáveis experiências coletivas da humanidade em torno do que é ser homem e mulher, estão mais próximos do nível coletivo do inconsciente, logo, funcionam como complexos autônomos e atuam de maneira projetiva.

Para Jung, a anima possui qualidades mais eróticas, associadas às emoções, desejos e função de relacionamento. Já o animus, possui um caráter raciocinador (JUNG, 1931/2013a, p. 210-211, § 338), opinativo, criativo e engendrador (JUNG, 1928/2012a, p. 97; 100, § 331; § 336).

No entanto, e essa é a primeira consideração a se fazer, as culturas e as sociedades mudam e hoje é possível encontrar homens com uma persona mais feminina e mulheres com uma persona mais masculina. Então perguntaríamos: as imagens de anima mudam com a transformação da cultura e das formas de ser homem e mulher? Temos que rever, portanto, o que é relevante nesta posição de Jung e aquilo que pode ser revisto.

A primeira coisa a ser vista é de que a definição da anima como contrassexualidade foi uma primeira definição de anima e animus. A anima e o animus dependeriam então do funcionamento do ego e da persona, aspectos, principalmente este último, muito afeito à inserção destes na cultura.

No entanto, do mesmo modo que o ego, olhando para fora, se vale da persona para se estruturar e se afirmar, para dentro ele enxerga o seu mundo interno a partir da visão do complexo anímico. Um homem pode ter uma persona baseada numa cultura machista, por exemplo, sendo duro e rígido com as mulheres e com sua vida emocional, mas internamente se apresentar, atrás de suas defesas, uma atitude frágil e inferiorizada.

Por esta razão e principalmente a partir do meio da vida, pelo processo de individuação, este elemento anímico vai provocar nele perturbações nos relacionamentos, em seu corpo e em toda sua vida. Neste sentido a anima não vai ser entendida como um elemento apenas oposto à persona, mais um complexo autônomo que pode produzir profundos abalos psíquicos. Um arquétipo que provoca transformação e criatividade, portanto.

Um segundo ponto a ser considerado, já que estamos falando sobre a mulher, é

possível verificar que na obra de Jung a dedicação quanto às manifestações e fenomenologia da alma foram muito maiores se comparadas ao animus, uma vez que seu próprio trabalho intelectual ocorria em paralelo com suas incursões pessoais interiores em que dialogava com suas imagens internas, dentre elas, sua alma. Esse ponto é fundamental, pois, como ele mesmo declarou, a psicologia é uma ciência na qual a equação pessoal do observador o acompanha o tempo inteiro, pois a psique observa a si mesma (JUNG, 1935/2013b, p. 144, § 277). Em outras palavras, a equação pessoal incide direta e indiretamente no próprio desenvolvimento da teoria. Talvez Jung tenha falado e escrito tanto sobre a alma porque para ele era difícil compreender o animus, o masculino na mulher, e foi exatamente sua esposa que o fez, Emma Jung, em sua magistral obra “Animus e alma” (JUNG, 2006)."

Em que se pese a relevância de tais contribuições, não podemos esquecer que houve e há uma contínua reflexão dos/as autores/as junguianos/as contemporâneos/as, baseada numa perspectiva crítica e pós-junguiana, e para tanto, traremos algumas referências de Jung e veremos como ele estava imbuído de uma visão dos valores de sua própria época¹.

Trazendo algumas citações de Jung que indicam a prevalência do pensamento de sua época, temos o seguinte: “A mulher tomada pelo animus corre sempre o risco de perder sua feminilidade, sua persona adequadamente feminina” (JUNG, 1928/2012a, p. 100, § 337). Aqui ele trabalha com os estereótipos de uma feminilidade idealizada pelas condicionantes sociais e engessada nos papéis sociais esperados para uma persona feminina, reflexo de um olhar Ocidental sobre homens e mulheres da cultura daquela época, como fica explícito nas seguintes passagens:

O mundo feminino é composto de pais e mães, irmãos e irmãs, maridos e filhos. [...] O mundo do homem é o povo, o “Estado”, os negócios, etc. [...] Para o homem, o geral precede o pessoal; daí o fato de seu mundo ser composto de uma multiplicidade de fatores coordenados, enquanto que para a mulher o mundo além do marido acaba uma espécie de nevoeiro cósmico (JUNG, 1928/2012a, p. 100, § 338).

Nas mulheres intelectuais o *animus* origina um tipo de argumentação e raciocínio que pretende ser intelectual e crítico, mas na realidade consiste essencialmente em converter algum detalhe sem importância num absurdo argumento principal. Ocorre também que numa discussão, inicialmente clara, o argumento se enreda de um modo infernal pela intromissão de um ponto de vista diverso e mesmo petulante. Inconscientemente, tais mulheres só procuram irritar o homem, sucumbindo ao *animus* por completo. “Infelizmente, eu tenho sempre razão”, confessou-me uma mulher deste tipo (JUNG, 1928/2012a, p. 99, § 335).

Não é difícil notar a existência de algumas concepções sexistas e limitantes sobre

¹ “Inquestionavelmente, Jung estava sujeito a certos preconceitos culturais quando ele desenvolveu sua teoria da alma/animus, então, ele descreveu qualidades particulares para feminino e masculino baseado no seu entendimento sobre homens e mulheres” (STOUPAS, 2015, p. 5 – tradução nossa).”

uma pretensa natureza das mulheres atrelada ao esperado socialmente delas. Podemos perceber que algumas das concepções trazidas até revelam as condições rígidas vividas pelas mulheres daquela época e os estereótipos que circundavam o imaginário social, entretanto, não parece haver uma problematização crítica e mais profunda sobre tais condições. Deixamos então um contraponto crítico nas assertivas palavras de Young-Eisendrath:

Jung e alguns junguianos vêm usando o conceito de *animus* de uma maneira preconceituosa e psicologicamente danosa quando o aplicam para indicar uma ausência de objetividade nas mulheres e nas garotas. A suposição aqui é que existe um princípio universal de Masculinidade e que tanto o homem enquanto pessoa, quanto o *animus* feminino são aspectos desse princípio. Esse Masculino arquetípico é o oposto do Feminino arquetípico. O Masculino arquetípico é descrito como logos: seu conteúdo é racional, lógico, intencional e objetivo. Por não serem estruturadas por esse masculino arquetípico, as mulheres são por natureza menos racionais que os homens. Por ser a personalidade inconsciente da mulher organizada pelo princípio Masculino, uma mulher tem a possibilidade de desenvolver essas qualidades, embora apenas através da luta contra suas tendências menos objetivas. Na prática, então, qualquer mulher insistente é “estridente” e está meramente atacando sem razão, pois está se fiando em seu *animus* (sua objetividade inferior) (YOUNG-EISENDRATH, 1994, p. 244).

Sem nos afugentarmos das importantes conceituações de Jung, não podemos nos furtar ao fato de que, em que se pese a interferência do funcionamento projetivo dos complexos anímicos, muitas das suas posições esbarraram numa estreiteza que sustentava o imaginário social masculino dominante e, se seguirmos esse apontamento: “Por basear-se na projeção da própria anima, costuma ser errado a maior parte do que os homens dizem a respeito da erótica feminina, como também sobre a vida emotiva da mulher” (JUNG, 1931/2013a, p. 211, § 338), encontraremos certo impasse. Na continuidade do mesmo parágrafo, encontramos o desenvolvimento teórico sobre a ideia da “mulher tomada pelo animus”: “As suposições e fantasias espantosas que as mulheres fazem a respeito dos homens se fundamentam na atividade do animus, que é de capacidade inesgotável para produzir julgamentos sem lógica e causas falsas” (JUNG, 1931/2013a, p. 211, § 338).

Abrindo caminho para seguir com a fundamentação crítica e teórica sobre o tema, trazemos a contribuição de James Hillman. Ele afirma que justamente por ser a *anima* um arquétipo, ela não pode estar circunscrita exclusivamente na psique masculina, mas que também está presente na psique das mulheres (1985, pp. 67; 69). Em resumo: “[...] o arquétipo da *anima* não pode ser limitado à psicologia específica dos homens, visto que arquétipos transcendem homens e mulheres, suas diferenças biológicas e seus papéis sociais” (HILLMAN, 1984, p. 53) e, “[...] a integração do feminino é uma questão que não diz respeito só aos homens, mas também às mulheres” (HILLMAN, 1984, p. 221). Com base nessas considerações, entendemos que também podemos aplicá-las ao *animus*.

Em *O Mito da Análise* (1984, pp. 191-261) Hillman tem um importante ensaio intitulado: “*Sobre a feminilidade psicológica*”, no qual o autor analisa algumas das teorias que versaram sobre a realidade das mulheres, quase todas elas com perspectivas exclusivamente masculinas sobre a mulher, criando e sustentando muitos dos estereótipos sobre a inferioridade feminina, o que necessariamente contribuiu para as possibilidades de introdução de tais conteúdos. O autor percorre desde um dos mitos fundantes da cultura ocidental, – o cristianismo e o mito de criação cristão –, até as teorias filosóficas, médicas, psiquiátricas e a psicanálise.

Observando as fantasias arquetípicas ativas em épocas passadas, podemos compreender mais facilmente o específico fator arquetípico presente nas teorias da inferioridade feminina de nossos dias. [...] A imagem da inferioridade feminina não mudou, porque permanece a imagem que é dada na psique masculina. As teorias do corpo feminino se baseiam preponderantemente em observações e fantasias de homens. Essas teorias são declarações da consciência masculina confrontada com seu oposto sexual. Não é de admirar que níveis arquetípicos de inconsciência intervenham na formação da teoria (HILLMAN, 1984, pp. 196; 220).

Alguns dos pontos recorrentes nas análises críticas a respeito das limitações e implicações teórico-práticas sobre o feminino arquetípico e suas variações (ex: princípio feminino, eterno feminino), são justamente suas aplicações a partir de uma perspectiva a-histórica, determinista e essencialista em relação ao gênero. Isso foi perceptível nos usos feitos das mitologias (deusas e deuses) e seus simbolismos, que tenderam a cair na literalização das imagens sobre o feminino e masculino – ao invés de concebê-las como metáforas –, bem como o estreitamento rígido de certas características socialmente determinadas e aguardadas para homens e mulheres. Os arquétipos assim entendidos foram tomados num caráter universalista/internalista, e se distanciaram do diálogo com os contextos e fatores históricos das sociedades e culturas, conseqüentemente, do espírito do tempo.

Alguns dos usos adotados dentro de um pensamento mais voltado à abordagem clássica junguiana costumaram remeter à natureza biológica da mulher, unificando um princípio universal supostamente feminino fixado ao sexo e gênero. Determinadas características como: acolhimento, receptividade, sentimento, emoção, sensibilidade, nutrição, envolvimento, mediação, cuidado, relação, ligação/conexão com a natureza, entre outras, ao serem plasmadas unilateralmente na psicologia das mulheres impossibilita que possamos enxergá-las enquanto pertences à natureza humana de uma maneira geral e mais dinâmica. Se assim fosse, poderíamos compreendê-las como características que poderiam estar disponíveis de serem desenvolvidas e reforçadas a partir de um conjunto de condições e variáveis, como, por exemplo, uma educação não-sexista que poderia prover aos meninos maior reforço para com as tarefas de cuidado externo, assim como maior

cuidado e sensibilidade para com os modos de expressar suas próprias emoções.

Dito isto, alguns questionamentos mobilizadores de nossas reflexões são: tais características são essencialmente pertencentes à natureza feminina? Talvez não tenham sido “feminilizadas”, tornadas femininas, engendradas – no sentido de generificar –, cultural e unilateralmente, vindo a se enraizarem fortemente na psique individual e coletiva e se expressarem por meio de imagens femininas, mas que não se encerram apenas no gênero feminino e na psique das mulheres? São importantes dúvidas que suscitam muitas reflexões.

Nesse sentido, é possível reconhecer a dificuldade que se abre para que as mulheres possam acessar e desenvolver outras características humanas, o que nos remonta mais uma vez sobre a importância dos aspectos culturais no desenvolvimento da teoria junguiana e em como algumas noções refletiram e reproduziram necessariamente os valores da cultura em que foi desenvolvida. Em outras palavras, a depender do uso prático que fazemos de determinado modelo teórico, podemos estar ratificando – até mesmo involuntária e inconscientemente – toda sorte de discriminação sexista, e aqui concordamos quando Rowland afirma que “Relações entre consciência e *anima* ou *animus* não devem ser confundidas para endossar estereótipos de gênero” (2002, p. 89).

Complementando com outra fundamentação crítica, Stoupas (2015) traz a seguinte reflexão sobre essa busca por um feminino arquetípico por meio das deusas:

[...] aqueles que viram o feminino nessa nova modalidade começaram a tomar isso como veneração, tomando esses caminhos como a reemergência das Grandes Deusas mitológicas no século XXI, mas também uma veneração do arquétipo do feminino por si só. Em algum grau, isso permite uma abertura para uma literalização através das imagens. *Por conta das imagens de mulheres serem geralmente usadas para representar o feminino, o feminino arquetípico e as mulheres tornam-se misturadas mais uma vez.* [...] representações do feminino como as deusas gregas – algumas das imagens mitológicas que a psicologia profunda privilegia –, podem não ressoar com o público contemporâneo que não experimenta essas imagens num contexto cultural. Certamente, essas imagens podem carregar uma verdade ressonante para tais pessoas, assim como elas emergem de uma consciência patriarcal e podem comunicar valores que combinam com experiências específicas de alguém. Então, enquanto as imagens permanecerem desatualizadas, elas provavelmente continuarão a refletir narrativas históricas sobre as representações culturais das mulheres (STOUPAS, pp. 76-77 – tradução nossa – destaque nosso).

Gray (2008, p. 132) também endossa a nossa visão crítica sobre a perspectiva essencialista afirmando que esta dificulta uma leitura da realidade do mundo em termos sociais e políticos, afinal, de acordo com Samuels (1989, pp. 98-99), ao literalizarmos as imagens das deusas nesses mitos, proclamamos qualidades eternas nas mulheres e nos tornamos essencialistas.

Assim como muitas/os autoras/es pós-junguianas/os que se debruçaram sobre essas complexas temáticas, concordamos que muitas das dificuldades emergentes devem-se ao fato de que essas caracterizações foram universalizadas, essencializadas e encerradas inflexivelmente cada qual num respectivo gênero – masculino e feminino – (ROWLAND, 2002, p. 39), reforçando então muitos dos estereótipos pautados numa rígida divisão de gênero que afirma o que é masculino e o que é feminino, o que compete à natureza do homem e o que compete à natureza da mulher. Essas questões nos parecem muito mais alinhadas aos papéis socialmente esperados de homens e mulheres, isto é, uma vivência no âmbito da *persona*.

Samuels (1989) lança questionamentos críticos para a suposta existência de algo inatamente masculino e feminino, ao passo que, distanciando-se para além de um princípio feminino, compreende as imagens de feminino e masculino como metáforas para a alteridade, para o conhecimento do outro (p. 103), para a experiência da diferença (p. 97). Acreditamos que essa sua afirmação se aproxima muito mais da ideia que concebemos sobre os arquétipos da *anima/animus*, uma vez que podem ser compreendidos como uma faceta múltipla de um único arquétipo que se expressa de forma plural a fim de anunciar a diferença, o outro (ROWLAND, 2002, p. 40). A partir dessa perspectiva, *anima* e *animus* configuram então pontes simbólicas e imaginais para o desconhecido em nós e nos outros, ao passo que nos deparamos então com a possibilidade de vivenciar o dinamismo da alteridade discutido por Byington (2008).

Outro ponto que consideramos problemático é justamente uma concepção que naturaliza os muitos estereótipos de gênero, como, por exemplo, a associação de que em virtude de sua condição e natureza, cabe exclusivamente às mulheres a chamada missão do resgate do feminino que haverá de curar as cisões proporcionadas pelo masculino (homens/patriarcado) que cindiu e unilateralizou as pessoas e a cultura como um todo. Nessa linha de raciocínio, lembremos que Jung associou *Eros* às mulheres e *Logos* aos homens, e assim ele afirmou: “[...] é função de *Eros* unir o que o *Logos* separa. A mulher de hoje está adiante de enorme tarefa cultural que significa talvez o começo de nova era” (JUNG, 1927/2011a, p. 144, § 275).

Com um contraponto teórico para com essa questão, nos respaldamos novamente nas reflexões assertivas feitas por Stoupas (2015):

Na psicologia profunda [...], a crença numa função curativa do feminino abarca a percepção de que o modo como o feminino é faltante, perdido e desconsiderado no mundo externo, impede um equilíbrio e totalidade psíquica. O feminino é, portanto, invocado numa tentativa de balancear excessos ou ausências que parecem originarem-se da cultura patriarcal. Como resultado, o feminino é, conseqüentemente, venerado como uma força divina ou transcendente, romantizada como uma panaceia de adversidades socioculturais, projetadas nas mulheres como as portadoras desse potencial

curativo. Eu, contudo, encontro na veneração, romantização e projeção do feminino na psicologia profunda, problemática, especialmente quando o feminino é esperado para servir como função curativa tanto para a psique individual, quanto a psique cultural e coletiva do Ocidente. [...] eu argumento que mais do que simplesmente venerar o feminino transcendente na psicologia profunda, o feminino deve ser entendido como uma ficção psicológica que auxilia na navegação da psique através das realidades socioculturais da cultura patriarcal (STOUPAS, 2015, pp. 2-3 – tradução nossa).

Nessa perspectiva, também endossamos o discutido pela autora junguiana Demaris Wehr a respeito do “sexismo como visão de mundo”, o qual tende a contribuir para a “internalização da opressão” (WEHR, 2016, pp. 14-18). Wehr afirma que “Desde que viver com a misoginia é uma constante nas vidas das mulheres, um modelo psicológico, para ser adequado e curativo, deve levar isso em conta” (2016, p. 125), e esse é um ponto de vista que partilhamos enquanto avanço necessário da psicologia em suas teorias e práticas, conforme sinalizado por Samuels:

Segue-se que toda concepção do inconsciente ou da psique que omita referir-se às instituições sociais e processos políticos será inadequada. O indivíduo se desenvolve no terreno das relações sociais e políticas, e portanto há um nível político do inconsciente. [...] As dimensões pessoal e coletiva da realidade psíquica e social estão entrelaçadas (SAMUELS, 1995, pp. 78; 207).

Deixamos registrado aqui que de forma alguma desconsideramos a validade dos arquétipos, muito pelo contrário. Nós os compreendemos como estruturas vitais da psique individual e coletiva. São estruturadores de nossas experiências atreladas a determinados momentos históricos, logo, não podemos imaginar que irão se expressar dentro de uma certa lista tipificada de comportamentos, princípios universalizados, ou que devemos divinizar – reviver – os ritos do passado para encontrarmos sentido para o presente. Entendemos sim que os arquétipos e seus motivos arquetípicos apontam e estão em partes amarrados em raízes da história do passado e das muitas vivências em torno de um mesmo tema, mas eles estão aí, dependendo necessariamente de nossas experiências para serem preenchidos e ganharem novas colorações e sentidos para o momento presente. Por isso o cuidado em valorizar o contexto das experiências no nível cultural em detrimento de leituras generalistas encerradas em determinados mitos e figuras míticas.

Dizer que determinadas situações quando versam sobre relações de mães e filhas nos remetem ao mito de Perséfone-Démeter, apesar da riqueza mítica contida nessas imagens clássicas e de grande valor para a imaginação, pouco poderia nos auxiliar na compreensão em como certos valores culturais são mais reforçados ou reprimidos dentro das concepções rígidas de gênero e suas variações dentro de momentos históricos diferentes, ou como internalizamos, reproduzimos, e projetamos certas regras culturais por exemplo. Ou seja, os inúmeros motivos arquetípicos nos são sempre acessíveis. Como irão se expressar dependerá de incontáveis fatores que tocam, como dissemos, nossas

vivências, a intersecção inseparável entre individual e coletivo, nossas relações primárias e demais relações interpessoais, o momento histórico, possíveis traumas, entre tantos outros fatores. A leitura deve então ser sempre complexificada.

A essa altura cabe então mencionar a relevância com que reconhecemos os feminismos enquanto movimento social plural que se configura como um importante espaço de mobilização e transformação, assim como suas muitas ferramentas para se repensar as teorias do conhecimento e nossos lugares na sociedade e cultura. Nessa linha de raciocínio, ressaltamos o trabalho realizado anteriormente na área da Psicologia Clínica com mulheres participantes de coletivos feministas, no qual procuramos escutar suas motivações e experiências e fizemos uma leitura entrelaçando o pensamento junguiano e as teorias feministas: *“Os feminismos e suas vozes: uma leitura junguiana das experiências de mulheres participantes de coletivos feministas”* (LIMA, 2018).

Um dos lemas fundamentais do feminismo é de que o pessoal é político. Esse princípio se aproxima da visão que aqui sustentamos uma vez que reconhecemos a indissociabilidade e mútua implicação entre os níveis individuais e coletivos, entre os indivíduos e a cultura, entre o mundo interno subjetivo e o mundo externo, entre a psique individual e a psique coletiva.

Em que se pese a prevalência na obra de Jung para se pensar os indivíduos e suas singularidades, ele também era muito consciente da interdependência entre as dimensões individual e coletiva, como quando declara que “Com a psique acontece justamente o que acontece com o mundo” (JUNG, 1928/2011b, p. 83, § 283), e quando afirma que:

Do mesmo modo que o indivíduo não é apenas um ser singular e separado, mas também um ser social, a psique humana também não é algo de isolado e totalmente individual, mas também um fenômeno coletivo (JUNG, 1928/2012b, p. 35, § 235).

Um autor de notável contribuição quando refletimos sobre política e fenômenos sociais e que nos auxilia na fundamentação e discussão de nossas ideias, é Andrew Samuels. Nos respaldamos em seu pensamento quando diz que “[...] o político e o psicológico mantêm uma relação interdependente” (SAMUELS, 2002, p. 23), e de que “Não há pessoal fora do político; o político é em si uma pré-condição para a subjetividade” (SAMUELS, 1995, p. 70-71). Ainda, o autor reconhece o valor do feminismo nessas discussões, como quando declara que:

[...] foi o feminismo que nos introduziu para esse novo tipo de política. É uma política no nível do sentimento, uma política subjetiva que abrange a crucial interrelação entre as dimensões públicas e privadas de poder (SAMUELS, 2000, p. 87).

Neste momento, e a fim de fundamentar as ideias finais, desejamos destacar um ponto que consideramos um avanço teórico e prático para a Psicologia Analítica. Trata-se

da teoria dos complexos culturais, desenvolvida a partir da teoria dos complexos de Jung.

Assim como os complexos pessoais, os complexos culturais podem ser definidos como nós psíquicos emocionalmente carregados que agregam imagens e ideias que tendem a agrupar-se em torno de um núcleo arquetípico, compartilhados pelos indivíduos dentro de uma coletividade (SINGER; KAPLINSKY, 2010). Ao serem ativados, afetam nosso humor e comportamento e, como fenômenos naturais essenciais à vida psíquica, podem se desenvolver em seus aspectos positivos e negativos (KAPLINKSY, 2008, p. 194).

Complexos culturais servem para a necessidade básica de pertencimento e para a identidade individual e grupal. [...] complexos culturais conectam experiências pessoais e expectativas grupais, assegurando que nossa ligação uns com os outros é mediada por pressupostos inconscientes sobre etnicidade, raça, gênero, e os processos de identidade social [...]. em outras palavras, organizam a vida grupal e proveem um sentido de continuidade histórica (KIMBLES, 2006, pp. 96-98 – tradução nossa).

As dinâmicas dos complexos culturais operam no nível grupal da psique individual e dentro da dinâmica do campo da vida grupal. Elas são expressões de profundas crenças e emoções que são caracteristicamente expressas por meio de representações, imagens, afetos, padrões e práticas grupais e individuais (KIMBLES, 2004, p. 199 – tradução nossa).

Singer (2003, pp. 197-198) declara que os complexos culturais se expressam de maneira repetitiva e com poderosos humores, resistindo aos maiores esforços da consciência uma vez que atuam de maneira involuntária e autônoma.

A teoria dos complexos culturais também revela enorme valor quando nos auxilia a repensar suas expressividades em suas facetas destrutivas como o racismo², sexismo, preconceito de classe, conflitos étnicos, homofobia, conflitos ambientais, (SINGER, 2014, p. 11), e recordamos também da intolerância religiosa, a xenofobia, o preconceito contra pessoas com deficiência e idosos, entre tantas outras formas de discriminação.

Nas variadas expressões dos complexos culturais encontramos polarizadamente a presença de temas como opressor/oprimido, inferioridade/superioridade, conquistador/conquistado, perpetrador/vítima, inclusão/exclusão (SINGER, 2012, p. 9). Em suas formas destrutivas, jazem os estereótipos, os preconceitos e toda uma psicologia do outro enquanto ameaça (KIMBLES, 2006, p. 99), uma ameaça à diversidade.

Entendemos que os complexos culturais em seu funcionamento destrutivo, ao interferirem negativamente no agenciamento e sentido do eu, leia-se, inviabilizando possibilidades outras de desenvolvimento e existência, separam diferenças em detrimento de suas possibilidades de coabitação harmônica junto à consciência. São diferenças que se polarizam e encontram dificuldades em coexistir de forma saudável, pois são acentuadas

2. Indicamos a contribuição de Tancetti e Neves (2020) que abordam a teoria dos complexos culturais para se pensar o feminismo decolonial e o racismo paralelamente à abordagem junguiana, trazendo importantes reflexões que enriquecem nossa leitura analítica no contexto clínico e social.

(KIMBLES, 2000, p. 160), e dentro do funcionamento projetivo da sombra, tornam-se uma ameaça às crenças partilhadas pelo indivíduo, pela identidade grupal e, conseqüentemente, também tocam as expectativas sociais que nos interpelam para que desempenhemos e performemos determinados papéis de acordo com determinadas condições às quais supostamente pertencemos.

Sobre a nossa proposição, entendemos o sexismo enquanto um poderoso complexo cultural na medida em que nos defrontamos cotidianamente com ele em graus variados (BATES, 2016). Compreendemos a dinâmica desse complexo cultural que está alicerçado num processo histórico de discriminação de gênero, de silenciamentos, das muitas formas de dominação e violência contra as mulheres, da invalidação das experiências de mulheres e na desumanização de suas subjetividades, logo, entendendo que machismo/sexismo/misoginia podem se configurar em experiências traumáticas que perpassam muitos momentos históricos, sendo transmitidos por gerações e comprometendo em nível psicológico a estruturação e o desenvolvimento das meninas e mulheres.

Não nos esquecendo de que o sexismo pode ser compreendido como um modo de enxergar e viver no mundo, assim como da relevância do mencionado por Wehr a respeito da “internalização da opressão” (WEHR, 2016, pp. 11-21), nos perguntamos: como podemos perceber a presença da existência de um complexo cultural do sexismo?

O sexismo está nas formas rígidas em como educamos meninas e meninos. Está nas formas distintas de como abrimos e fechamos portas – em termos de oportunidades – ao considerarmos o fator gênero. Está nas relações de dominação dos homens para com as mulheres. Está no reforço/repressão que a cultura oferece a certas características considerando a variável de gênero, situação que inevitavelmente contribui nas formas como as pessoas se desenvolvem psicologicamente e no sentido mais global possível. O sexismo está presente quando as mulheres expressam o sentimento de estarem no lugar errado, de que não pertencem a certos lugares, ou melhor, o sentimento de um não-lugar. Está no receio de ocuparem certos espaços por sentirem medo das violências e dos assédios. Está na interiorização da culpa pelas violências sofridas que tanto sofrimento traz. O sexismo se mostra evidente nos esforços que as mulheres empregam para se fazerem ouvidas e nas diversas modalidades existentes para silenciá-las. O sexismo se faz presente quando homens automaticamente explicam o que acreditam que mulheres certamente não sabem. Está nas teorias que tratam sobre mulheres, mas que não foram desenvolvidas por mulheres ou porque não foram consideradas as experiências narradas por elas que verdadeiramente contaram.

Essas formas de violências estão profundamente enraizadas e transitam em modos de expressão que vão do mais sutil ao mais evidente. Vemos esse complexo se manifestar nos acontecimentos do cotidiano, e as ideias que perpassam o imaginário coletivo nos ajudam a ampliar essa lista, como podemos ver:

A manifestação do sexismo se revela quando a cultura patriarcal e heteronormativa declara que mulheres lésbicas apenas são porque não encontraram o homem certo, ou de que necessitam, perversamente, do chamado estupro corretivo para de fato se tornarem mulheres; nessa lógica, tornadas mulheres a partir de uma violência sexual perpetrada por um homem que irá curá-las do desvio da norma heterossexual.

A manifestação do sexismo se escancara quando mulheres são violentadas – sexualmente ou não –, e o complexo cultural se manifesta automaticamente com sua voz sombria e suas diferentes formas de deslegitimação: “o que ela fez pra merecer?”; “estava no lugar errado”; “mas também, num horário desse, esperava o quê?”; “o que estava fazendo nesse lugar tão tarde?”; “isso lá é lugar de mulher estar?”; “se o namorado estivesse junto isso não tinha acontecido”; “ela sabia dos riscos”; “se descuidou/não se cuidou o suficiente”; “não devia estar se dando o respeito”; “estava se oferecendo”; “mulher de família e que se dá o respeito não frequenta certos lugares”; “se não estivesse usando certa roupa, talvez nada tivesse acontecido”; “disse não querendo dizer sim”; “como assim demonstrou interesse e de repente não quis mais?”; “aposto que gostou, que na hora foi bom”; “agora é fácil mostrar que se arrependeu”; “está querendo chamar a atenção”; “bebeu demais”; “se estivesse em casa nada disso tinha acontecido”; “ela tinha uma vida sexualmente ativa”; “ela tinha vários relacionamentos”; “agora é fácil querer se fazer de vítima”. E poderíamos seguir ininterruptamente com uma infinidade de exemplos.

Em sua desigual contraparte ouvimos que: “ele não sabia o que fazia”; “era apenas um jovem garoto”; “era só uma brincadeira”; “ele bebeu demais”; “ela o estava tentando ao usar roupas provocativas”; “ela não se deu o respeito”; “ela estava fazendo charme, mas no fundo queria”; “ela estava provocando”; “se ela se cuidasse e se desse o devido valor talvez nada disso tivesse acontecido”; “é um exagero, não podemos destruir seu futuro por conta disso”; “ele é homem, faz parte de sua natureza”; “os homens são mais instintivos”; “tem situações que não dá para controlar”. De igual modo, as justificações se amontoariam aos montes. Ainda trazemos de forma ilustrativa um outro exemplo presenciado tanto em um contexto pessoal, quanto profissional no atendimento clínico de uma mulher em atendimento psicoterapêutico: “segurem suas cabras, pois meu bode está solto!”.

Dito tudo isso, é inevitável não fazermos uma breve autorreflexão e nos recordamos de quantas situações em nossa trajetória já não nos deparamos com essas situações cotidianas e ouvimos frases similares.

Caminhando para o final desta reflexão, gostaríamos de aprofundar pensando agora a prática clínica. O analista junguiano Warren Colman (2010) possui um trabalho em que tece importantes considerações a respeito da relevância do contexto cultural e social para se repensar a própria prática clínica na abordagem junguiana, uma vez que lança mão de um olhar que contempla os aspectos individuais e coletivos.

Apesar do fenômeno cultural coletivo não poder ser reduzido a explicações nos termos da psicologia individual, eu penso que é possível manter um foco dual que reconhece os modos como questões coletivas impactam o mundo interno do indivíduo, e ao mesmo tempo reconhece os modos em que o mundo interno dos indivíduos molda a construção do mundo social (COLMAN, 2010, p. 7).

Esse texto de Colman é elucidativo – apesar de tratar mais especificamente da paranoia – para se pensar esse foco dual uma vez que traz um caso clínico como ilustração, contemplando elementos clínicos fornecidos por seu paciente, os quais se referem à demanda clínica apresentada, como: narrativas e imagens do filme *The Matrix*, narrativas sobre teorias da conspiração, seu histórico de vida na infância, sua sensação de abandono, e seus sentimentos de impotência, medo e raiva. Apesar de inicialmente o autor afirmar que passou anos se esforçando para compreender e interpretar tais conteúdos com base nos significados da psicologia individual de seu paciente e em suas próprias projeções, precisou depois reconhecer a importância da dimensão sociopolítica, e é justamente esse ponto que aqui enfatizamos.

É a partir desses pontos complementares que atestamos importante valor para repensar as revisões teóricas que necessariamente conduzem as formas como analisamos os fenômenos e atuamos profissionalmente no contexto clínico, sem nunca perder de vista a mútua existência da dimensão individual e coletiva. Ou seja, como os fenômenos culturais incidem sobre os indivíduos e como impactam em seus modos de se constituir, se desenvolver e sofrer, assim como os modos como os indivíduos expressam suas singularidades a partir de suas trajetórias pessoais juntos aos contextos que transitam e pertencem.

Trazemos então fragmentos de um caso clínico para ilustrarmos o que trouxemos teoricamente. Deixaremos apenas a inicial do nome a fim de preservação do sigilo.

B. possuía na época 21 anos e já era atendida por outra profissional de uma clínica de convênio. Após a profissional anterior se desligar da clínica, passei a realizar os atendimentos de B.

Inicialmente a paciente trouxe as seguintes queixas: dificuldades e conflitos com amigas da faculdade; dificuldades em fazer novas amizades, pois se considerava uma pessoa mais introvertida; e por fim, conflitos gerais sobre sua identidade, sexualidade e orientação sexual. Cabe informar que no processo terapêutico anterior, B. declarou que o iniciou por conta de conflitos com o seu pai, mas que naquela altura já tinha sido bem trabalhado por ela. Informamos que nos centraremos nos conteúdos referentes à sexualidade e orientação sexual justamente por conta da temática sobre gênero em discussão neste trabalho.

À época, B. estava num relacionamento heterossexual que compreendia como saudável, mas que em outro momento de sua vida teve um relacionamento descrito

como abusivo. Sobre essa questão, numa sessão trouxe uma situação de abuso do seu ex-namorado. Disse que estavam com outros amigos e ela fumava e bebia. O rapaz ficou enciumado e solicitou que ela parasse. Acabaram voltando os dois em silêncio e resolveram beber apenas os dois. Ele sugeriu que fossem para a casa dela e assim fizeram. A paciente relatava que já estava muito bêbada e só lembra de alguns fragmentos, inclusive, sem a certeza de que o mesmo realmente estava bebendo como ela. Chegando lá, começaram a ficar e a situação foi ficando mais intensa. B. afirmou que lembra de não estar muito confortável com a situação e que num determinado momento lembra de o mesmo ter introduzido o dedo em sua vagina. Depois disso não se lembrou de mais de nada e posteriormente tentou checar com ele se o mesmo tinha realmente feito isso. Ele respondeu afirmativamente como se isso não fosse um problema. B. ficou se sentindo desconfortável, fragilizada e com a sensação de culpa já que permitira que ele entrasse na sua casa.

Sobre sua orientação sexual, B. trazia às sessões conflitos referentes à sua identidade e orientação sexual, e em suas angústias e reflexões, dizia que naquele momento se entendia e sentia como bissexual. B. afirmava que desde os 14 anos sentia que gostava de meninas mas que se sentia muito reprimida. Nesses momentos se recordava de como sentia-se atraída por algumas meninas de sua escola, ou como admirava as fotos de meninas e mulheres nas revistas. Relatava que seu pai sabia de seus desejos e conflitos internos, e era com quem naquele momento ela conseguia compartilhar as angústias, mas que sua mãe – que ficou sabendo no decorrer do processo terapêutico – demonstrava maior fechamento para o diálogo e aparentava certa resistência quanto a aceitação da orientação sexual de B.

Sobre sua mãe, B. relatava que sentia falta de acolhimento e diálogo e que isso colaborava para o desenvolvimento de sentimentos de angústia e insegurança, condição que reverberava na existência de tensões e conflitos com sua mãe, sendo que B. a enxergava como uma pessoa controladora. Cumpre acrescentar que durante o processo terapêutico foram trabalhadas diversas questões como o fato de B. se considerar muito tímida; de que sentia que incomodava os outros; sentimento de insegurança, baixa autoestima, alterações de humor, crises de ansiedade e sentimentos de inferioridade.

Voltando às questões envolvendo sua sexualidade e orientação sexual, B. declarou que seu atual namorado sabia de seus conflitos nessa esfera da vida. Em diversas sessões a paciente expressava seu desejo crescente de ficar com outras meninas, como em uma oportunidade que desejou ficar com uma amiga numa festa, mas que ao mesmo tempo tinha a sensação de estar sufocada com a presença do namorado. Diante dos diálogos que tecia com seu namorado, em certa ocasião propôs que tentassem manter um relacionamento aberto. Informou que ele acabou aceitando com certa resistência. De sua parte, sentiu-se aliviada.

Sobre sua experiência de ficar com mulheres, ela comentou que em certa oportunidade saiu com algumas amigas e acabou ficando com uma delas. Disse que foi completamente tomada pelo desejo, tendo encontrado correspondência por parte da outra menina. Passamos então a conversar bastante sobre o ocorrido: emoções, sensações, sentimentos, expectativas, etc. A paciente se mostrava radiante, evidentemente muito feliz, mas ponderava a respeito dessa continuidade, seu futuro, e todas as implicações possíveis sobre seus desejos e escolhas. Declarou repetidamente que se sentiu muito bem, pois era algo que há muito tempo queria fazer, recordando também das experiências negativas que teve com homens e a relação com o masculino. Nessa oportunidade, abordamos temas como preconceitos, homofobia, misoginia, sexismo, machismo, dupla moral sexual, a moralidade e suas contradições, etc.

Diante de tantas incertezas e desejos, o término com o namorado deu-se de forma rápida e inevitável, pois B. já não era capaz de voltar atrás do desejo que após anos de repressão, naquele momento ardia, lhe tomava, e encontrava oportunidades de expressão e concretização. As angústias se acirravam junto com as experiências diversas e agradáveis que passou a vivenciar com outras garotas – ficadas e envolvimento –, inclusive relatando que acreditava estar apaixonada por uma delas que acabou ficando e que tinha um convívio mais próximo no cotidiano.

Em muitas oportunidades passamos a abordar temáticas como os medos decorrentes das violências (relatava medo de expressar seu desejo em espaços públicos), machismos, preconceitos como homofobia, etc. Foram temáticas que emergiram tanto pela naturalização social e histórica de tais violências, pelo momento conjuntural que o país vivia em ano eleitoral (2018) em que um discurso conservador e reacionário invadiu uma infinidade de espaços encontrando ressonância no denso véu da sombra coletiva e individual e, obviamente, por estarem atrelados à própria condição pessoal que B. vivia naquele momento.

Entre todas as angústias e contradições envolvendo as expressões de sua identidade, desejo e sexualidade, considerando que uma de suas ansiedades também era como e quando ela daria conta de ter uma relação sexual com uma mulher, eis que seu inconsciente provê um sonho extremamente significativo e mobilizador, o qual será importante para sintetizarmos e fundamentarmos o que até aqui discutimos.

B. relatou que se encontrava num espaço parecido com uma casa noturna como uma espécie de motel, destinado a promover encontros e relações sexuais pagas. O local tinha uma característica importante, pois não existiam quartos para essa finalidade, uma vez que as camas estavam dispostas uma do lado da outra de forma visível, como numa grande sala. Sobre as janelas do local, era possível ver do lado de dentro e de fora, ou seja, para as pessoas de fora, dava para ver as movimentações de dentro, como as pessoas mantendo seus encontros sexuais, e vice-versa.

B. adentrou nesse local e se direcionou ao balcão para pedir uma mulher que seria aquela com quem teria a primeira relação sexual. Inicialmente a atendente fez algum questionamento sobre a escolha de ser uma mulher, contudo, acabou atendendo ao pedido de B. Na sequência, e aqui temos um ponto muito interessante, B. foi conduzida à cama por um homem. Esse ponto lhe chamou muita atenção.

B. então relatou que veio uma mulher que se deitou ao seu lado, e então começaram a ter relações sexuais. A paciente relatou que o homem que a conduziu à cama permaneceu o tempo inteiro observando a relação sexual. Apesar da sensação de incômodo com essa situação, B. descreveu que a sensação do sonho era maravilhosa. Relatou que as sensações que surgiram eram de plenitude, prazer, entrega e satisfação, assim como quando descrevia no atendimento os detalhes e acontecimentos do sonho.

A finalização do sonho se deu com a intensa relação sexual entre as duas nesse local predominantemente aberto e visível, e mesmo que também tenha existido sentimentos de incômodo, foram superados pelos sentimentos de êxtase e realização.

A partir das imagens contidas nesse sonho, desejamos finalizar brevemente com algumas reflexões. Em primeiro lugar, reiteramos que tais conteúdos trazidos em terapia – oníricos e verbais – não foram compreendidos apenas por meio da psicologia individual de B. Alinhado às premissas que aqui discutimos, trabalhamos no sentido de aprofundar e extrair significados mobilizados pela psique individual, entremeados com os acontecimentos sociais atrelados aos conteúdos emergentes e suas associações.

Percebemos que as imagens que tocam a temática da visibilidade (janelas, camas, ausência de quartos e de privacidade) e do controle/vigilância (reação inicial da atendente e a figura do homem) dizem muito sobre a história da paciente, abarcando suas repressões e a contenção do desejo por mulheres, refreados por uma cultura patriarcal heteronormativa e seus modos internalizáveis de coerção – família, relações interpessoais, instituições e a cultura. Se por um lado havia os medos dos preconceitos, da homofobia e das violências somadas às culpas internalizadas de um desejo reprimido e das relações de poder e abuso, em determinada altura seu inconsciente produzia o desnudamento da manifestação pública de um desejo encarnado, arrebatador, passível de ser experimentado; símbolos plenos de energia com possibilidades de integração.

Obviamente, a imagem do homem condutor e vigilante, numa atitude quase voyeurística, como que autorizando aquele acontecimento, não é de se desconsiderar. A paciente associou às suas experiências com homens e o masculino, remetendo às formas de controle, da voz interna patriarcal que tem o poder de autorização, de autoridade. A presença do homem não é desconsiderável, mas as sensações de plenitude e êxtase com a relação sexual descritas por B. suprimiram o incômodo, talvez indicando um estágio pessoal de seu desenvolvimento em que poderia se assumir possuidora de seus desejos, os vivenciando em seus aprendizados e encarando os desafios inerentes da população

LGBTQIA+ que com coragem procura assumir a inteireza de sua identidade em uma sociedade homofóbica e conservadora.

Mas e o complexo cultural do sexismo? Onde se encaixa aqui? Bom, longe de toda forma de classificação rígida e pré-determinada, podemos percebê-lo quando B. narrava suas memórias, os silêncios e medos, e os desconfortos internos e externos em torno da sua história de ter que assumir um determinado modelo social de feminilidade e a repressão de seus desejos mais íntimos. Também vim nos momentos da terapia em que se revia, mergulhava e se revirava em seus desconfortos, lhe suscitando angústias e temores, como o medo de piorar ainda mais a relação com sua mãe que não parecia aceitar e acolhê-la como gostaria, ou de ser agredida nos espaços públicos, como mencionado sobre o clima regressivo que o país vivia e ainda vive.

Como numa oportunidade B. declarou, ela não tinha mais o conforto e a liberdade social de expressar seus desejos, como quando na rua andava abraçada e beijava seus namorados. Agora, aquela nova condição emergente de mulher que ampliava suas possibilidades existenciais e trazia sentidos mais condizentes sobre si, lhe colocava num outro lugar. O lugar multiplamente subalterno da mulher lésbica, o qual revela contradições interessantes do ponto de vista cultural conservador machista que não tolera a homossexualidade feminina mas também a fetichiza, certamente, ainda sob uma lógica da objetificação e dominação.

Por fim, inconclusivamente nos perguntamos. Quanto ao sonho, teria ele representado notoriamente o escancaramento das possibilidades de relações homoafetivas como contraponto transgressivo à uma cultura sexista, machista, heteronormativa e homofóbica? Teria expressado uma imagem de reconciliação de B. com sua própria feminilidade, se entregando à sua *anima* em toda sua potencialidade como mulher? Seria um encontro com aspectos internos desconhecidos a serem desenvolvidos? Teria ele expresso uma imagem masculina que representava o controle e dominação dos homens, situação que o ego onírico tratou de momentaneamente se desimportar, despossuindo-se de seu *animus* para então entregar-se aos movimentos de complementaridade de sua psique? Talvez.

Sem a pretensão de responder a esses questionamentos, procuramos fomentar problematizações que possam aguçar criticamente as reflexões em torno das temáticas aqui trazidas a fim de melhor tentar compreender os sofrimentos da psique em nossos tempos, que coletivamente despeja e revela suas inumeráveis dissociações.

Como auxílio, fiquemos com as imagens aqui imaginadas e suas inesgotáveis possibilidades de aprofundamento. Que orbitem de forma ressonante em nossas imaginações, e sobre nossas concepções, que nos desconfortem.

REFERÊNCIAS

BATES, L. **Everyday sexism**. Griffin/Thomas Dunne Books, New York, 2016.

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher**: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 1990.

BONAVENTURE, J. **Variações sobre o tema mulher**. São Paulo: Paulus, 2000.

BYINGTON, C. **Psicologia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Linear B, 2008.

COLMAN, W. 'Something wrong with the world': towards an analysis of collective paranoia. In: STEIN, M.; JONES, R. A. (Ed.). **Cultures and identities in transition: Jungian perspectives**. Routledge: New York, (2010), pp. 6-16.

DOWNING, C. **Women's mysteries Toward a poetics of gender**. Crossroad, New York, 1992.

_____. **The goddess**: Mythological images of the feminine. Authors Choise Press, 2007a.

_____. **Psyche's sisters**: Re-imagining the meaning of sisterhood. Spring Journal Books, New Orleans, Louisiana, 2007b.

GRAY, F. **Jung, Irigaray and Individuation Philosophy, Analytical Psychology and the Question of the Feminine**. New York: Routledge, 2008.

HARDING, E. **Os mistérios da mulher antiga e contemporânea**: uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos. São Paulo: Paulus, 1985.

HILLMAN, J. **O mito da análise**: três ensaios de psicologia arquetípica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Anima**: anatomia de uma noção personificada. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

JUNG, C. G. A mulher na Europa. In: **Civilização em transição**. OC. 10/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a. (Texto original publicado em 1927).

_____. A estrutura da alma. In: **A natureza da psique**. OC 8/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. (Texto original publicado em 1928, vol. 8/2).

_____. Anima e animus. In: **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a. (Texto original publicado em 1928).

_____. Fenômenos resultantes da assimilação do inconsciente. In: **O eu e o inconsciente**. OC. 7/2. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012b. (Texto original publicado em 1928).

_____. O casamento como relacionamento psíquico. In: **O desenvolvimento da personalidade**. OC. 17. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a. (Texto original publicado em 1931).

_____. Fundamentos da Psicologia Analítica (Tavistock Lectures). In: **A vida simbólica**. OC.18/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b. (Texto original publicado em 1935).

JUNG, E. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KAPLINSKY, C. Shifting shadows: shaping dynamics in the cultural unconscious. **Journal of Analytical Psychology**, 2008, 53, pp. 189-207.

KIMBLES, S. The cultural complex and the myth of invisibility. In: SINGER, T. (ed.). **The vision thing: myth, politics and psyche in the world**. New York: Routledge, 2000, pp. 157-169.

_____. A cultural complex operating in the overlap of clinical and cultural space. In: SINGER, T.; _____. **The cultural complex: contemporary jungian perspectives on psyche and society**. New York: Routledge, 2004, pp. 199-211.

_____. Cultural complexes and the transmission of group traumas in everyday life. **Psychological Perspectives**, 49: 2006, pp. 96-110.

_____. **Phantom narratives: The unseen contributions of culture to psyche**. London: Rowman & Littlefield, 2014.

LIMA, R. A. B. **Os feminismos e suas vozes: uma leitura junguiana das experiências de mulheres participantes de coletivos feministas**. 2018. 252 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, 2018.

NEUMANN, E. **O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

PERERA, S. B. **Caminho para a iniciação feminina**. São Paulo: Paulus, 1985.

QUALLS-CORBETT, N. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. São Paulo: Paulus, 1990.

ROWLAND, S. **Jung: a feminist revision**. Polity Press, 2002.

TANCETTI, B.; NEVES, J. H. O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial. São Paulo: **Junguiana**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. n. 38/2, 2012, p. 49-62.

SAMUELS, A. **The Plural Psyche: Personality, Morality and the Father**. New York: Routledge, 1989.

_____. **A psique política**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

_____. The politics of transformation: the transformation of politics. In: SINGER, T. (ed.). **The vision thing: myth, politics and psyche in the world**. New York: Routledge, 2000, pp. 84-95.

_____. **A política no divã: cidadania e vida interior**. São Paulo: Summus, 2002.

SINGER, J. **A mulher moderna em busca da alma: guia junguiano do mundo visível e do mundo invisível**. São Paulo: Paulus, 2002.

SINGER, T. Cultural Complexes and Archetypal Defenses of the Group Spirit. In: BEEBE, J. (ed.). **Terror, violence and the impulse to destroy**: perspectives from analytical psychology. Einsiedeln, Switzerland: Daimon Press, 2003, pp. 191-209.

_____; KAPLINSKY, C. Cultural complexes in analysis. In: STEIN, M. (org.). **Junguian Psychoanalysis**: Working in the spirit of C. G. Jung, 2010. pp. 1-25.

_____. Introduction. In: AMEZAGA, P.; BARCELLOS, G.; CAPRILES, Á. GERSON, J.; RAMOS, D. (ed.). **Listening to Latin America**: exploring cultural complexes in Brazil, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay and Venezuela. New Orleans: Louisiana, Spring Journal Books, 2012, pp. 1-13.

STOUPAS, L. L. **The myth of the feminine**: problematic fictions. Doctoral in Philosophy, in Mythological Studies with emphasis in Depth Psychology, Pacifica Graduate Institute, 2015.

ULANOV, A. B. **Receiving Woman**. Daimon Verlag, 2001.

VON FRANZ, M. L. **O feminino nos contos de fadas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WEHR, D. S. **Jung and feminism**: liberating archetypes. Routledge: London: 2016.

WHITMONT, E. C. **O retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1982.

WOODMAN, M. **A feminilidade consciente**: entrevistas com Marion Woodman. São Paulo: Paulus, 2003.

YOUNG-EISENDRATH, P. Repensando o feminismo, o animus e o feminino. In: ZWEIG, C. (org.). **Mulher**: em busca da feminilidade perdida. São Paulo: Editora Gente, 1994, pp. 237-252.

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE